Existência de Deus

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Este artigo pretende resumir argumentos favoráveis e contrários a **existência de Deus** que têm sido recorrentes ao longo da história da teologia cristã e da filosofia ocidental.

A ideia de "Deus"

Existem diferentes definições para Deus, o qual tanto pode ser um ser com poderes sobrenaturais, amado ou temido, quanto representar o princípio criador e mantenedor de todas as coisas do universo.

A definição de Deus abraâmico é de um Ser Supremo, um espírito dotado de entendimento e de vontade, infinitamente perfeito que existe por si mesmo - porque de ninguém recebeu a existência, ninguém O fez - e de quem todos os outros seres recebem a existência. É o único Ser necessário que existe desde toda a eternidade, sempre existiu e sempre existirá. Deus é *Aquele que é*.

Argumentos pela existência de Deus

Argumento ontológico

O assim denominado argumento ontológico da existência de Deus foi desenvolvido por Santo Anselmo de Canterbury na obra "Proslogion". Os passos do raciocínio anselmiano são os seguintes:[1][2]

- Existe na mente de todo homem a ideia de um ser que não se pode pensar outro maior;
- Existir só na mente é menos perfeito do que existir na mente e também na realidade;
- Se o ser maior do que o qual não se pode pensar outro só existisse na mente seria menor do que qualquer outro que também existisse na realidade;
- Logo, o ser do qual não se pode pensar outro maior deve existir também na realidade (existência real necessária), logo conclui-se que existe Deus e esse ser é perfeitíssimo.

Defenderam esta tese com argumentos distintos São Boaventura, Duns Scoto, Descartes, Leibniz, Hegel, Isaac Newton quando citou a mecanica celeste ou gravitação universal, Karl Bath, N. Malcom[3].

As Cinco Vias de São Tomás de Aquino

Santo Tomás de Aquino, na sua obra *Suma Teológica* ensina que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas e que, fazendo apenas o uso da luz natural da razão a partir das coisas criadas, é possível demonstrar a Sua existência, sem ter de recorrer a nenhum outro argumento de natureza religiosa ou dogmática, para isto propõe cinco vias de demonstração de natureza exclusivamente filosófico-metafísica.

As cinco vias são provas a *posteriori*, que têm como ponto de partida as criaturas enquanto entes causados para se atingir como termo de chegada a necessidade da existência de Deus; são demonstrações metafísicas (causalidade do ser) e não científico-positivas (causalidade apenas dos fenômenos), mesmo partindo da experiência sensível e, aplicando o princípio da causalidade, mostram ser impossível se proceder ao infinito na cadeia de causas.[2]

1a. via - **Primeiro Motor Imóvel** Nossos sentidos atestam, com toda a certeza, que neste mundo algumas coisas se movem. Tudo o que se move é movido por alguém, é impossível uma cadeia infinita de motores provocando o movimento dos movidos, pois do contrário nunca se chegaria ao movimento presente, logo há que ter um primeiro motor que deu início ao movimento existente e que por ninguém foi movido, e um tal ser todos entendem: é Deus.

O movimento aqui é considerado no sentido metafísico, isto é passagem da **potência** - como sendo aquilo que uma coisa pode vir a ser, para o **ato** - aquilo que a coisa é no momento. Deus é *ato puro* e não sofre mudança o seu Ser confunde-se com o Agir.

2a. via - **Causa Primeira ou Causa Eficiente** Decorre da relação "causa-e-efeito" que se observa nas coisas criadas. Não se encontra, nem é possível, algo que seja a causa eficiente de si próprio, porque desse modo seria anterior a si prórpio: o que é impossível. É necessário que haja uma causa primeira que por ninguém tenha sido causada, pois a todo efeito é atribuída uma causa, do contrário não haveria nenhum efeito pois cada causa pediria uma outra numa sequência infinita e não se chegaria ao efeito atual. Logo é necessário afirmar uma Causa eficiente Primeira que não tenha sido causada por ninguém. Esta Causa todos chamam Deus. Assim se explica a causa da existência do Universo.

3a. via - **Ser Necessário e Ser Contingente** Existem seres que podem ser ou não ser, chamados de contingentes, isto é cuja existência não é indispensável e que podem existir e depois deixar de existir. Todos os seres que existem no mundo são contingentes, isto é, aparecem, duram um tempo e depois desaparecem. Mas, nem todos os seres podem ser desnecessários se não o mundo não existiria, alguma vez nada teria existido, logo é preciso que haja um Ser Necessário e que fundamente a existência dos seres contingentes e que não tenha a sua existência fundada em nenhum outro ser.

Igualmente, tudo o que é necessário tem, ou não, a causa da sua necessidade de um outro. Aqui também não é possível continuar até o infinito na série das coisas necessárias que têm uma causa da própria necessidade. Portanto, é necessário afirmar a existência de algo necessário por si mesmo, que não encontra em outro a causa de sua necessidade, mas que é causa da necessidade para os outros: o que todos chamam Deus.

Do *Nada* não surge e nem advém o *Ser*. Como se observa que as coisas existem, não pode ter havido um momento de *Nada Absoluto*, pois daí não se brotaria a existência de algo ou coisa alguma.

4a. via - **Ser Perfeito e Causa da Perfeição dos demais** Verifica-se que há graus de perfeição nos seres, uns são mais perfeitos que outros, o universo está ontologicamente hierarquizado - seres racionais corpóreos, animais, vegetais e inanimados. Qualquer graduação pressupõe uma parâmetro máximo, logo deve existir um ser que tenha este padrão máximo de perfeição e que é a Causa da Perfeição dos demais seres.

5a. via - **Inteligência Ordenadora** Existe uma ordem admirável no Universo que é facilmente verificada, ora toda ordem é fruto de uma inteligência ordenadora, não se chega à ordem pelo acaso e nem pelo caos, logo há um ser inteligente que dispôs o universo na forma ordenada. Com efeito aquilo que não tem conhecimento não tende a um fim, a não ser dirigido por algo que conhece e que é inteligente, como a flecha pelo arqueiro. Logo existe algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas ao fim, e a isso nós chamamos Deus.

Há uma ordem em todos os seres, o menor vegetal, p. ex. tem órgãos para cada função ordenados para a preservação da espécie. Esta ordem pressupõe uma Inteligência ordenadora, pois a ordem não vem do caos e nem do acaso. Da mesma forma as letras de um livro não são colocadas ao acaso. Logo a ordem existente no mundo prova a existência de uma Inteligência que ordenou todas as coisas nos mínimos detalhes. É necessário que exista uma Inteligência Suprema que tenha ordenado o Universo criado.

O Mal no Mundo

A existência do "mal" tem sido usada como argumento para a inexistência, ou pelo menos, da incongruência da existência de Deus. Hume (1711-1776) adianta: "Quererá [Deus] impedir o mal, mas não é capaz? então é impotente. Será que é capaz, mas não o deseja? então é malévolo. Terá tanto o desejo como a capacidade? então porque é que existe o mal?".

Em relação a estes argumentos, Santo Tomás explica que "Deve-se dizer como Santo Agostinho: 'Deus soberanamente bom, não permitiria de modo algum a existência de qualquer mal em suas obras, se não fosse poderoso e bom a tal ponto de poder fazer o bem a partir do próprio mal'. Assim, à infinita bondade de Deus pertence permitir males para deles tirar o bem".

"O mal é ideia do homem, não de Deus. Ele, que deu ao homem o livre-arbítrio e pôs em marcha o Seu plano para a humanidade, não interfere continuamente para tirar ao homem o dom da liberdade. Se o inocente e o justo têm de sofrer a maldade dos maus, a sua recompensa no final será maior, os seus sofrimentos serão superados com sobra pela felicidade futura".[4]

O mal, ou infortúnio, decorre do fato da criatura ser limitada e imperfeita, porque dele pode tirar um bem maior: aprendizados que geram novas virtudes e méritos pela superação das condições adversas. Assim, o mal teria a função de ensinar aos homens os seus próprios limites, corrigindo e reordenando a criatura pela aplicação de provas e expiações.[2]

Imagem e semelhança de Deus

A existência de deficiências fisicas nos humanos, ou a presença de órgão vestigiais têm sido usados como argumentos contra a existência de Deus, no entanto, segundo Santo Tomás de Aquino deve-se dizer que o homem é a imagem de Deus, não segundo seu corpo, mas segundo aquilo pelo que o homem supera os outros animais. O homem é superior aos outros animais pela razão e pelo intelecto. Portanto, é segundo o intelecto e a razão, que são incorpóreos, que o homem seria a imagem de Deus.

Argumento da existência do Mundo

O mundo exige uma causa de si, que se chama Deus. Não há efeito sem causa. Todo o ser que começa a existir tem uma causa. O universo tem um grau de complexidade superior a qualquer obra humana conhecida. Logo não se pode admitir que tenha aparecido sem que um Ser lhe tenha dado a existência. Assim como um edifício pressupõe um engenheiro ou um quadro o pintor. Esse Ser chama-se Deus.[5]

Argumento da Lei Moral

Dá-se o nome de Lei Moral ao conjunto de preceitos que o homem descobre na sua consciência e que o fazem distinguir o *bem* do *mal*, o *certo* do *errado*, o *justo* do *injusto* e o impelem a praticar o bem e a evitar o mal. A lei moral, segundo os teólogos Ricardo Sada e Pablo Arce, teria três condições:[6]

1. Obriga a todos os homens, por exemplo prescreve-lhes o respeito à vida e à propriedade alheia, proíbe o assassinato e o roubo.
2. É superior ao homem, ninguém pode mudá-la ou revogá-la, por exemplo, ninguém poderá fazer com que o estupro de uma criança seja algo bom.
3. Obriga em consciência,[7] isto é quando a cumprimos, sentimos a satisfação do dever cumprido; quando a transgredimos, mesmo que às ocultas, sentimos remorsos.[8] A lei moral supõe um legislador que atenda a estas três condições, que seja superior ao homem, que possa obrigar a todos e que lhes possa ler na consciência, a este legislador chamamos Deus.

Argumento Psicológico

Conhecido também como argumento eudenomológico, funda-se na afirmação de Agostinho de Hipona: *«Criaste-nos para vós, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em Vós»* (Confissões). Funda-se na constatação de que todo homem busca a felicidade e que esta felicidade plena e eterna não dura se alcança, e mesmo quando se alcança não dura pois um dia chega a morte. Logo deve existir um bem cuja posse seja capaz de dar ao homem a felicidade infinita e eterna que tanto busca.[2]

Argumento Histórico

Cícero, senador romano, parte da constatação da universalidade do fenômeno religioso. Não se tem notícia de sociedade humana que não tivesse culto à divindade, este grande consenso histórico e quase universal tem grande probabilidade de ser retrato da realidade existente.[2]

Argumento da impossibilidade científica da negação

Não se pode cientificamente provar que Deus não existe. Este argumento é usado para mostrar que não se consegue provar a inexistência, mas não prova a existência.

Este argumento trata-se da falácia *argumentum ad ignorantium* explicado no guia das falácias de Stephen Downes. É um caso de falso dilema, pois a falta de prova não é prova.

Conhecimento de Deus por analogia

A partir do conhecimento das criaturas pode-se atribuir a Deus todas as perfeições que nelas se encontram e as que se pode conceber, bem como n'Ele negar tudo o que as criaturas têm de limitado e imperfeito.

Assim, são atributos de Deus, segundo Santo Tomás:

- Unidade - é indivisível (tanto em ato como em potência), não possui composição alguma.
- Unicidade - é unico, não pode haver mais que um Deus, a onipotência de um comprometeria a do outro.
- Suprema perfeição - "perfeito é aquilo que está totalmente feito". Todas as perfeições das criaturas (efeitos) se encontram em Deus de modo indiviso e em grau eminente (causa).
- Beleza suprema - é a suprema harmonia de todas as perfeições criadas e o seu conhecimento é a máxima felicidade possível
- Simplicidade - não é composto de partes, o que implica que não tem corpo e nem partes de nenhuma espécie.
- Imensidade - não está sujeito a espaço, pode estar em todos os lugares sem estar circunscrito a eles.
- Infinidade - é infinito, tem todas as perfeições em grau máximo e ilimitado. Se pudesse ser aperfeiçoado não seria Deus e sim aquele que Lhas desse.
- Imutabilidade - não está sujeito a mudanças nem no seu Ser e nem nos seus desígnios.
- Eternidade - não teve princípio e não terá fim, sempre existiu e não deixará de existir.
- Onisciência - possui inteligência e entendimento ilimitados, tudo sabe e tudo conhece.
- Onipotência - a vontade de Deus é onipotente, não tem limites, e é perfeitamente boa e justa. Sendo infinitamente justo retribui a cada um segundo as suas obras.
- Onipresença - tem a capacidade da ubiquidade, pode estar em todos os lugares e, mais do que estar num lugar, dá a existência ao próprio lugar.
- Suprema bondade - Deus é a bondade infinita. Quanto mais perfeito é um ser tanto mais é desejável, Deus é o mais desejável dos seres é o Bem Supremo.
- Sabedoria - é mais que sábio, é a própria Sabedoria ilimitada.
- Santidade - é infinitamente santo e belo e fonte de toda a beleza e santidade.
- Misericordioso - Deus é todo misericórdia, perdoa tantas vezes quantas nos arrependemos.
- Transcendência - não se confunde com o mundo, está fora do mundo e acima da realidade material.

Conhecimento divino e liberdade humana

Que Deus *saiba* quais os atos o homem praticará não implica dizer que Ele seja a *causa* destes atos; pelo contrário, é a decisão do homem de praticar o ato que permite que Deus *saiba* que ele será praticado. Da mesma forma, quando o serviço de meteorologia *prevê* a ocorrência de um tornado amanhã, esta previsão não o torna a *causa* do tornado. Ao contrário, aquilo mesmo que fará com que haja a tempestade amanhã é que proporciona ao meteorologista a base da sua previsão.

Argumentos pela inexistência de Deus

Ateísmo

Antiteísmo

Ateísmo cético

Ateísmo forte

Novo Ateísmo

Argumentos contra a existência de Deus

Destino dos incultos

Deus das lacunas

Navalha de Occam

Paradoxo da omnipotência

Problema do mal

Bule de chá de Russell

Não-cognitivismo teológico

Crítica ao ateísmo

Lista de não teístas

Estado ateu

Agnosticismo

Irreligião

Naturalismo

Secularismo

(Aplicáveis principalmente para o Deus abraâmico, dotado de omnisciência, omnipotência, omnipresença e benevolência suprema e adotado pelo Judaísmo, Cristianismo e Islão)

Argumento da inexistência de Deus segundo a contrariedade da existência

Utilizando métodos da lógica e racionalidade humanas, pode-se dizer que ao tentar provar a existência de Deus e esta tentativa resultar em uma, comprovada, impossibilidade da prova, neste caso onde existem apenas duas possibilidades (existência ou inexistência), tal impossibilidade de prova determina a prova da possibilidade contrária, ou seja, a impossibilidade de provar a existência de Deus conclui determinadamente a **prova** de sua inexistência.

Ex: Tentativa de prova da existência de uma hipotética quantidade de água em um hipotético copo: Supondo que ao virar o referido copo, percebe-se que não cai nenhuma quantidade de água e que o fato de a água cair ao virar o copo provaria a existência da mesma, prova-se então o contrário, ou seja, não existe nenhuma quantidade de água no copo neste caso hipotético.

Ex2: Tentativa de prova da existência de Deus: Se Deus existe, pode-se supor duas possibilidades em relação ao fato de existir:

1ª. Deus foi criado: Se Deus foi criado, quem teria o criado? O fato de ter sido criado requisita uma ação criadora, ação esta que requisita uma entidade criadora, sendo assim existiria uma entidade criadora que teria criado Deus, o que é impossível, já que as propriedades de Deus o caracterizam como atemporal, onipresente, onisciente e onipotente, ou seja, não poderia haver outra entidade mais poderosa que Deus,impossibilitando a sua criação por uma entidade superior, logo prova-se que Deus não teria sido criado.

2ª. Deus não foi criado: Mesmo utilizando o pressuposto de que algo pode existir sem ser criado, pode-se supor que, se Deus sempre existiu, então para ser considerado como uma entidade concreta, ele deveria ter: I- Alguma forma: mutável ou não.

II- Alguma matéria: sólida, líquida, gasosa, ou qualquer outra desconhecida.

III- Ocupar algum lugar no "espaço" ou qualquer outro "lugar" desconhecido não abstrato.

Se Deus possui alguma matéria e ocupa algum lugar em algum "espaço" não abstrato, então significa que a "matéria" que o compõe e o "lugar" que ocupa, também sempre existiram, ou seja a "matéria" e o "lugar" também são Deus. Supondo que Deus seja onipresente, significa que o "lugar" que ele ocupa é o conjunto do todo, logo conclui-se que Deus, que também é o "lugar" que ocupa, é TUDO.

Porém o "TUDO" é a abstração do conjunto concreto do todo, logo Deus não poderia ser o "TUDO", pois não seria concreto, sendo assim Deus não poderia ser onipresente.

Se Deus não poderia ser onipresente, então não poderia ser onipotente, pois não PODERIA estar em qualquer lugar. Se Deus não poderia ser onipotente, então não poderia ser onisciente, pois não PODERIA saber de tudo; logo, é impossível a existência de uma entidade concreta que tenha as características divinas, sendo assim Deus não poderia ser concreto e não sendo concreto ele não poderia sempre existir.

Conclui-se que se Deus não pode ter sido criado e que não poderia existir desde sempre como um ser concreto, então comprova-se que a tentativa de provar que Deus existe é impossível, logo prova-se o contrário.

Este argumento trata-se da falácia argumentum ad ignorantium explicado no guia das falácias de Stephen Downes. É um caso de falso dilema, pois a falta de prova não é prova.

Argumento da incoerência ou das propriedades incompatíveis

Uma versão popular do argumento das propriedades incompatíveis questiona a possibilidade de um Deus ser ao mesmo tempo onisciente e onipotente. Um Deus onisciente, que tem todo o conhecimento acerca dos acontecimentos futuros, é impotente para mudá-lo visto que este futuro (que já é conhecido de antemão) já está determinado, embora o cristianismo aponta que o ser humano possui livre arbítrio então o futuro já não precisa ter sido alterado.

Argumento da imaterialidade

Existem aqueles que crêem que se não conseguimos ver, medir ou testar Deus de nenhuma forma rigorosa com métodos físicos e experimentais, possivelmente ele não existiria. Qualquer coisa para existir necessitaria ter existência no espaço-tempo. Até o momento Deus não foi medido através de qualquer equipamento científico desenvolvido pelo homem, da mesma forma que a consciência humana não foi devidamente localizada no corpo.[9][10]

Argumento da Evolução Darwiniana

A evolução Darwiniana fornece explicação para a complexidade dos seres vivos, que ocorreria sem nenhuma necessidade de intervenção divina.

O Darwinismo, todavia, não se propõe a "provar" a não existência de Deus, mas tenta apenas explicar a grande diversidade das espécies pelo mundo com base meramente no que é observado na natureza. Tanto é assim que, segundo Francis S. Collins, Darwin concluiu a obra *A Origem das Espécies* com o seguinte texto: *"Há uma grandeza nessa visão da vida, com seus vários poderes, tendo ela sido lançada como o sopro da vida originalmente pelo Criador em poucas formas ou em uma; e que, enquanto este planeta vinha orbitando de acordo com a lei da gravidade estabelecida, a partir de um início tão simples, inúmeras formas, cada vez mais belas e maravilhosas foram, e continuam, evoluindo."*[11] Esse discurso, ao admitir a possibilidade de existir um "Criador", é totalmente incompatível com a intenção de provar a não existência de Deus.

Darwin expressou acreditar na origem divina da existência quando, em outra oportunidade, escreveu: *"pela extrema dificuldade, ou quase impossibilidade, de conceber este universo imenso e maravilhoso, incluindo o homem com sua capacidade de examinar o passado tão distante e o futuro tão longínquo, como resultado de uma oportunidade ou necessidade cegas. Quando medito dessa maneira, sinto-me atraído a observar a Primeira Causa como tendo uma mente inteligente em algum grau análoga a essa dos homens; e mereço ser chamado de Teísta."*[12]

Argumento da improbabilidade

Não se tem como provar cientificamente a existência de um ser que, caso exista, extrapolaria o espaço-tempo perceptível ao homem e aos equipamentos por este criado. O único meio de pesquisa e estudo das demais dimensões que constituem o universo só pode se dar através de conceitos de física, de filosofia e de fórmulas matemáticas, que são todas imateriais. Devido a isto, pela impossibilidade de medir Deus através de instrumentos científicos, muitos declaram a inexistência de Deus. A critica desse argumento é do fato de que também não existem maquinas que possam visualizar sonhos humanos e nem entender o seu funcionamento completo em nenhuma parte da física e química, alem do fato de em estados de sonho lucido pode passar dias numa dimensão imaterial e a "volta" para "vida real" seria apenas poucos minutos que passariam. Mas é uma crítica sem fundamentos já que se pode medir a atividade cerebral durante o sono com equipamentos e analisar a química que ocorre no cérebro e forma tais ilusões chamadas "sonhos". Outra crítica referente ao argumento é que por algo ser desconhecido não significa necessáriamente que inexiste, os que usam desta crítica fazem uma analogia com os átomos, que não eram conhecidos e nem detectáveis há 5000 anos, mas mesmo assim existiam.

Segundo Argumento da Incoerência

Este argumento prende-se no facto da existência de certas incoerências nas propriedades de Deus. Por exemplo, se Deus é omnipotente, ele poderia criar uma pedra tão pesada que nem mesmo ele poderia erguer. Se não a conseguisse erguer, deixaria de ser omnipotente. Mas se ele é omnipotente, então ele deveria ter força suficiente para erguer qualquer peso. No entanto, se não conseguisse criar tal pedra, deixaria de ser omnipotente.

Se Deus é omnisciente, então ele sabe tudo sobre o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro. Sabe o que já fizemos e o que vamos fazer (apesar de nos conceder livre-arbítrio). Se sabe, então o livre-arbítrio não faz qualquer sentido, e não há

razão para não nascermos logo no paraíso ou no inferno. Se não conhece as nossas acções futuras, então Deus não é nem omnisciente nem omnipotente.

Outros argumentos

- Teodicéia ou o Problema da Existência do Mal

Teodiceia é um ramo da teologia que trata da coexistência de um Deus todo-poderoso de bondade infinita com o mal.

O termo *teodicéia* provém do grego θεός - *theós*, "Deus" e δίκη - *díkē*, "justiça", que significa, literalmente, "justiça de Deus". O termo foi criado em 1710 pelo filósofo Alemão Gottfried Leibniz num trabalho intitulado *Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. O propósito do ensaio era demonstrar que a presença do mal no mundo não entra em conflito com a bondade de Deus — ou seja, não obstante as diversas manifestações de iniqüidade no Mundo, este é o melhor dos mundos possíveis (ver Panglossianismo.)

A teodicéia é a parte da Filosofia que pretende demonstrar racionalmente a existência e os atributos de Deus. Para isso, usa apenas a razão humana, sem utilizar nenhum registro sagrado.

Prevê que existe um Deus que nos dá livre-arbítrio, ou seja, opção de escolha. As escolhas, porém, não sendo feitas com responsabilidade, conduzem o homem ao mal natural ou o mal moral.

- Argumento do Livre-Arbítrio
- Crítica do Argumento Cosmológico
- Crítica do Argumento Teleológico (ou Argumento do Desígnio)
- Crítica do Argumento Ontológico
- Argumento da Dor e Prazer
- Navalha de Occam
- Argumento das Revelações Inconsistentes
- Problema da Erraticidade Bíblica
- Variante da Aposta de Pascal

É notável também a questão do ônus da prova. [*parcial*?].

Posição da Ciência

A comunidade científica tende a distanciar-se de uma corroboração ou refutação de Deus. Atualmente não existe nenhuma prova científica conclusiva de existência ou inexistência de Deus, o que é perfeitamente coerente com a declaração de que Deus não faz parte do escopo analítico da Ciência.

Por outro lado, individualmente, cientistas não deixam de expressar suas convicções em relação ao tema. Richard Dawkins, no seu livro *"The God Delusion"*, discute e defende a improbabilidade de Deus existir, enquanto o diretor do Projeto Genoma Humano, Francis Collins, em seu livro *"A Linguagem de Deus"*,[13] defende evidências da existência divina e afirma não haver incompatibilidades entre Deus e a ciência.[14]

Aristóteles e Sócrates estavam convencidos da necessidade da existência de Deus, juntamente com Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Johannes Kepler, Lineu, Rene Descartes, Isaac Newton, Michael Faraday, Gregor Mendel, Alexis Carrel, Max Planck[15][16] von Braun,[17] Carlos Chagas Filho, que presidiu a Pontifícia Academia das Ciências, e Jérôme Lejeune, dentre outros.

Estudos apontam que uma larga maioria,[18] dos cientistas de elite (entre a NAS, Academia das Ciências dos EUA, por exemplo) de hoje, sejam agnosticos (fonte de 1998). No entanto, existem cientistas de elite da própria NAS que acreditam em Deus e são pessoas religiosas como o próprio presidente da NAS, Bruce Alberts observa: *"Existem muitos destacados membros de nossa academia que são pessoas religiosas, pessoas que acreditam na evolução, entre elas muitos biólogos"*.[18] Ao mesmo tempo, a própria NAS publicou um documento manifestando a opinião de que *A existência ou não de Deus é uma questão para a qual a ciência é neutra*[18] ("Whether God exists or not is a question about which science is neutral"). A maior parte dos cientistas da Pontifícia Academia das Ciências e da qual fazem parte, por exemplo, dois prêmios Nobel: o físico

alemão Klaus von Klitzing e o químico taiwanês Yuan Tseh-Lee[19] acreditam na existência de Deus e consideram que fé e ciência podem conviver harmoniosamente.

A religiosidade de Albert Einstein tem sido contestada. Einstein parecia ser deísta e via Deus como a maravilha do universo complexo. A frase "Deus não joga aos dados" tem sido vista como uma demonstração de religiosidade. Contudo, ele mesmo proferiu: "Eu não acredito num Deus pessoal e nunca o neguei, mas exprimi-o com clareza. Se há algo em mim a que se pode chamar religioso, então esse algo é a infinita admiração pela estrutura do mundo tanto quanto a nossa ciência o consegue revelar". Porém, é provável que ele acreditasse em um Deus "impessoal" , caso contrário a especificação "Deus pessoal" não faria sentido e seria redundante, bastaria apenas mencionar "Deus".

Independentemente das convicções, os cientistas actuais nunca demonstraram a existência ou inexistência de Deus.

Ver também

- Argumento ontológico
- Paradoxo de Epicuro
- Paradoxo da omnipotência
- Fides et Ratio, Encíclica de João Paulo II sobre as relações entre a fé a razão.
- Ateísmo
- Ateísmo forte
- Ateísmo fraco
- Deísmo
- Agnosticismo
- Panteísmo
- Pandeísmo
- Argumento Cartesiano para a existência de Deus

Notas

1. ↑ http://plato.stanford.edu/entries/ontological-arguments/#StAnsOntArg
2. ↑ a b c d e Martins Filho, Ives Gandra. Manual Esquemático de Filosofia, LTr, 2006.
3. ↑ http://plato.stanford.edu/entries/ontological-arguments/
4. ↑ Leo J. Trese, *A fé explicada*.
5. ↑ "O 'Ser' constitui o ato primeiro e mais íntimo do ente, que desde dentro confere ao sujeiro a sua perfeição. O ser é aquilo pelo que as coisas são, existem." (…) "Como ser é ato, sua plenitude está apenas em Deus, que é 'Ato Puro de Ser', contendo todas as perfeições, sem nenhuma 'potência' para adquirí-las em grau superior." *in* MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva. *Manual esquemático de filosofia. 3a. ed. São Paulo: LTr., 2006, pgs. 20, 30.*
6. ↑ SADA, Ricardo e ARCE, Pablo. *Curso de Teologia Dogmática*. Lisboa: Rei dos Livros, 1992, pg. 24.
7. ↑ Não se entende aqui *consciência* no sentido de consciência psicológica, nem mesmo em um sentido cognoscitivo (tomar consciência de algo). Entende-se em seu sentido explícitamente moral: *consciência* é um juízo ou ditame do entendimento prático, que qualifica a bondade ou a malícia de um ato praticado ou por praticar. (*in* PÉREZ, Rafael Gómez. *Deontología Jurídica*. Pamplona: EUNSA, 1999, pg.42).
8. ↑ a) Remorso, s. m. Aflição de consciência, por ato mau cometido. Arrependimento (Melhoramentos, Dicionário Prático da Língua Portuguesa, 1995). b) Remorso s. m. (lat. *remorsus*) Reprovação proveniente da consciência de se haver cometido uma falta; arrependimento (Dicionário Larousse Ilustrado da Língua Portuguesa, 2004).
9. ↑ O Mistério Da Consciência. Acessado em 07/02/2008.
10. ↑ Daniel Piza.O mistério da consciência. Acessado em 07/02/2008.
11. ↑ DARWIN, Charles *apud* COLLINS, Francis S. *A linguagem de Deus : um cientista apresenta evidências de que Ele existe.* - trad. Giorgio Cappelli, São Paulo : Editora Gente, 2007, p. 105.
12. ↑ DARWIN, Charles *apud* COLLINS, Francis S., ob. cit., p. 105.
13. ↑ [A Linguagem de Deus, COLLINS, Francis, Editora Gente, SP ISBN 978-85-7312-529-0]
14. ↑ Entrevista com Francis Collins
15. ↑ *Cientistas que acreditam em Deus* (em inglês).
16. ↑ *Einstein e Deus* (em inglês).
17. ↑ *von Braun* (em inglês).
18. ↑ a b c http://www.stephenjaygould.org/ctrl/news/file002.html
19. ↑ Yuan T. Lee no sítio do Vaticano

Ligações externas

- "A existência de Deus" (New Advent Encyclopedia)) (em inglês)
- "Natureza e atributos de Deus" (Catholic Encyclopedia) (em inglês)
- A relação do Universo com Deus (em espanhol)

Bibliografia

- ALVIRA, Tomás; CLAVELL, Luíz; MELENDO, Tomás. *Metafísica*. Pamplona: Eunsa, 1973.
- AQUINO, Tomás, Santo. *Suma Contra Los Gentiles*. Libros I e II. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1952.
- AQUINO, Tomás, Santo. *Suma teológica*. Vol I, questão 2. São Paulo: Edições Loyola, 2001. ISBN 85-15-01852-7
- ARCE, Pablo e SADA, Ricardo. *Curso de Teologia Dogmática*. Tradução de José Coutinho de Brito. Lisboa: Rei dos Livros, 1992.
- ARTIGAS, Mariano. *Filosofia da Natureza*. São Paulo: Instituto Raimundo Lúlio, 2005.
- CINTRA, Jorge Pimentel. *Evolucionismo Mito e Realidade*. São Paulo: Quadrante, 1988.
- CINTRA, Jorge Pimentel. *Deus e os cientistas.* São Paulo: Quadrante, 1990.
- FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. Rio de Janeiro: AGIR, 1960.
- FROSSARD, André. *Deus em Questões*. Tradutor: Maria Cecília de M. Duprat. São Paulo: Quadrante,
- FROSSARD, André. *Deus existe, eu encontrei-O*. Tradutor: José d´Encarnação. Lisboa: DIEL ISBN 972-8040-69-5
- KNOX, Ronald. *Deus e eu*. Tradução de José Eduardo Vieira Coelho. São Paulo: Quadrante.
- MARTINS FILHO, Ives Gandra S. *Manual Esquemático de Filosofia*. 3a. ed. São Paulo: LTr, 2006. ISBN 85-361-0825-8
- MARITAIN, Jacques. *Introdução Geral à Filosofia*. Rio de Janeiro: AGIR, 1970.
- MELENDO, Tomás. *Metafísica da Realidade*. São Paulo: Instituto Raimundo Lúlio, 2002.
- PÉREZ, Rafael Gómes. *História Básica da Filosofia*. São Paulo: Nerman, 1988.
- PÉREZ, Rafael Gómez. *Deontología Jurídica*. Pamplona: EUNSA, 1999. ISBN 84-313-1734-5
- TRESE, Leo J. *A fé explicada.* Tradução de Isabel Perez. São Paulo: Quadrante, 1995. ISBN 85-7465-012-9
- GASPAR ET AL. 2007. Evolução e Criacionismo, uma relação impossível. Quasi ed. Lisboa. ISBN 978-989-552-307-8.

Obtida de "http://pt.wikipedia.org/wiki/Exist%C3%AAncia_de_Deus"
Categorias: | Ateísmo | Filosofia | Metafísica | Teologia Natural | Apologética cristã